

A arte (auto)educação para a consciência de si e do outro

Art (self)education for the awareness of self and other | Arte (auto)educación para la conciencia de uno mismo y del otro

MARIA DAS VITÓRIAS NEGREIROS DO AMARAL | mariavitorias@ufpe.br
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO | BRASIL

Recibido · Recebido · Received: 31/03/2021 | Aceptado · Aceito · Accepted: 18/05/2021

DOI: <https://dx.doi.org/10.12795/Communiars.2021.i05.05>



Artículo bajo licencia Creative Commons BY-NC-SA · Artigo sob licença Creative Commons BY-NC-SA · Article under Creative Commons license BY-NC-SA

Cómo citar este artículo · Como citar este artigo · How to cite this article:

Amaral, V. (2021). A arte (auto)educação para a consciência de si e do outro. *Communiars. Revista de Imagen, Artes y Educacion Crítica y Social*, 5, 71-83.

Resumo:

Depois de 39 anos trabalhando como professora de arte, inicialmente na Educação Básica (escolas públicas e privadas) e posteriormente no Ensino Superior (UFPE), venho descobrir a educação informal como um processo de ensino-aprendizagem, considerando-a de grande relevância para a aprendizagem da arte, pensando nessa possibilidade de se autoeducar e, conseqüentemente, educar quem está próximo. Depois de orientar várias/vários estudantes que não têm experiência na educação formal ou mesmo na não formal, fui identificando essa aprendizagem. E foi então que surgiu a arte (auto)educação, uma consciência de si e do outro por meio do processo artístico. Neste artigo, trago como esse termo vem tomando corpo em minhas pesquisas e parte do resultado dessas reflexões apresentei em Paris, em 2017. Essas reflexões sobre si na produção artística se aprofundou nesse tempo de pandemia, entre 2020 e 2021, momento em que as/os estudantes estão em casa e, com isso, identifico que estão mergulhados na produção artística para se compreender, se fortalecer e não adoecer nesse tempo de solidão que o isolamento, por causa da Covid-19, provoca. O ensino de arte formal, na formação de professoras e professores na Universidade Federal de Pernambuco, campo que tomo como meu lugar de fala, vai além da sala de aula, seja nas escolas ou nos espaços não formais como ongs, ateliês e outros, se dá no próprio corpo dessas professoras e professores em formação. Com base nas experiências vividas em sala de aula e fora dela vamos aprendendo e reaprendendo a ser quem somos; o processo artístico e a criatividade são elementos fundamentais para essa arte (auto)educação, formação de si e aprendizagem da arte. Com ela, vamos elaborando e reelaborando as imagens que nos constituem. A produção de arte contaminada pelas imagens cotidianas, a contextualização, aquilo que você sente, expressa, vê, e a conscientização de si e do grupo com o qual se convive... é assim que acontece a aprendizagem da arte em uma (auto)educação.



Palavras-chave: Formação de professoras e professores. Arte (auto)educação. Processo de criação. Criatividade. Alteridade.

Abstract:

After 39 years working as an art teacher, initially in Basic Education (public and public schools) and later in Higher Education (UFPE), I have been discovering informal education as a teaching-learning process, considering it of great relevance for the learning of art, thinking in this possibility of self-educating and, consequently, educating the ones around. After guiding several/several students who have no experience in formal education or even in non-formal education, I identified that learning. And it was then that art (self)education appeared, an awareness of oneself and of the other through the artistic process. In this article, I bring how this term has been taking shape in my research and part of the result of these reflections I presented in Paris, in 2017. These reflections on the self in artistic production deepened in this time of pandemic, between 2020 and 2021, a time when students are at home and, therefore, I identify that they are immersed in artistic production to understand themselves, strengthen themselves and not get sick in this time of loneliness that isolation, because of Covid-19, causes. The formal art teaching, in the formation of teachers at the Federal University of Pernambuco, field that I take as my place of speech, goes beyond the classroom, whether in schools or in non-formal spaces such as NGOs, studios and others, it takes place in the very body of these teachers in training. Based on the experiences lived in the classroom and outside it, we learn and relearn to be who we are; the artistic process and creativity are fundamental elements for this art(self)education, self-formation and art learning. With it, we elaborate and re-elaborate the images that constitute us. The production of art contaminated by daily images, the contextualisation, what you feel, express, see, and the awareness of yourself and of the group with which you live... and this is how the learning of art happens in an (auto)education.

Keywords: Formation of teachers. Art (auto)education. Creation process. Creativity. Alterity.

Resumen:

Después de 39 años trabajando como profesora de arte, inicialmente en la Educación Básica (escuelas públicas y privadas) y posteriormente en la Educación Superior (UFPE), he ido descubriendo la educación informal como proceso de enseñanza-aprendizaje, considerándola de gran relevancia para el aprendizaje del arte, pensando en esta posibilidad de autoeducarse y, en consecuencia, educar a los que están alrededor. Después de guiar a varios/as estudiantes que no tienen experiencia en la educación formal o incluso en la educación no formal, identifiqué ese aprendizaje. Y fue entonces cuando apareció la (auto)educación artística, la conciencia de uno mismo y del otro a través del proceso artístico. En este artículo, expongo cómo este término ha ido tomando forma en mi investigación y parte del resultado de estas reflexiones lo presenté en París, en 2017. Estas reflexiones sobre el yo en la producción artística se profundizaron en este tiempo de pandemia, entre el 2020 y el 2021, tiempo en el que los estudiantes están en casa y, por lo tanto, identifiqué que están inmersos en la producción artística para entenderse a sí mismos, fortalecerse y no enfermarse en este tiempo de soledad que el aislamiento, por el Covid-19, provoca. La educación artística formal en la formación de los profesores de la Universidad Federal de Pernambuco, campo que tomo como lugar de intervención, va más allá del aula, ya sea en las escuelas o en espacios no formales como ONGs, estudios y otros, tiene lugar en el propio cuerpo de estos profesores en formación. A partir de las experiencias vividas en el aula y fuera de ella, aprendemos y reaprendemos a ser quienes somos; el proceso artístico y la creatividad son elementos fundamentales para esta (auto)educación artística, autoformación y aprendizaje del arte. Con ella, elaboramos y reelaboramos las imágenes que nos constituyen. La producción de arte contaminada por las imágenes cotidianas, la contextualización, lo que se siente, se expresa, se ve, y la conciencia de uno mismo y del grupo con el que se convive... y así es como sucede el aprendizaje del arte en una (auto)educación.

Palabras clave: Formación de profesores. Arte (auto)educación. Proceso de creación. Creatividad. Alteridad.

• • •

“As ideias são como peixes: se você quer pegar um peixinho, pode ficar em águas rasas. Mas, se quer um peixe grande, terá que entrar em águas profundas”

David Lynch, *Em Águas Profundas: criatividade e meditação* (2015, p. 01)

Para entrarmos em águas profundas, temos que dar um mergulho em nossas próprias imagens. As imagens que foram criadas para este artigo para ser apresentado no coloquio *Création-créativité*, no Carreau du Temple, em Paris, em 2017, foram bem distintas das imagens que hoje vos apresento. Naquele momento, éramos livres, íamos aos museus, andávamos pelas ruas, parávamos nos cafés; apesar de toda a tensão de um congresso acadêmico internacional, falado em línguas (francês e inglês) que não são as nossas. Hoje, em 2021, em plena pandemia da Covid-19, imagens de tristeza, perdas, solidão, desesperança, são as que estão tomando conta do nosso corpo em isolamento e sem abraços que nos acolham. Para enfrentarmos essas imagens atuais, o mergulho deve ser bem maior.

As imagens criadas e reelaboradas por uma pessoa dependem do contexto vivido. O contexto histórico, político e mítico contém imagens que alimentam a imaginação. A imaginação reconstrói as perdas, impulsiona a criatividade e a organização social da qual estamos tanto precisando para um edificar um mundo melhor. Para isso, o autorreconhecimento é imprescindível, e para atingi-lo é necessário penetrar em águas profundas do nosso ser. Com a arte e a criação, conseguimos dar esse mergulho no conhecimento de nós mesmas. Em sociedades contemporâneas que se negam a escuta, a arte é o lugar de se expor, de se ver e de se reconhecer como sujeito humano, cultural, social e histórico. É a construção da sua própria história dentro de um dado momento que é também político; uma tomada de decisão; revelação dos segredos; descobertas de si para se relacionar com o outro.

Nesse mergulho, a arte provocando o sujeito a se conhecer, puxam-se os fios que vão se entrelaçando com a criatividade, para a reconstrução desse sujeito, que tece histórias, dores, amores, saberes e dúvidas, e que ao dar visibilidade a essas narrativas que, apesar de individuais, reverberam em grupos sociais nos quais participamos no cotidiano. A arte produzida no silêncio e na solidão tem repercussão nos grupos de mulheres, de homens, de crianças, professores/as, mães, pais, amigos, LGBTQI+, étnicos etc. São narrativas que puxam fios das memórias, das histórias e vão se entrelaçando com outros... e as teias vão se enrendando...

Para a mãe-aranha aquilo não passava de mau senso.
Para que tanto labor se depois não se dava a indevida aplicação?
Mas a jovem aranha não fazia ouvidos.
E alfaiatava, alfinatava, cegava os nós.
Tecia e retecia o fio, entrelaçava mais e mais teia.

Sem nunca fazer morada em nenhuma.
Recusava a utilitária vocação da sua espécie.
-Não faço teias por instinto.
- Então, faz por quê?
-Faço por arte.

Mia Couto, *O Fio das Miçangas* (2004, p. 73-74)

Os fios começam a serem fiados a partir da aranha. A aranha vai tecendo seu destino, seu futuro, seus passos... Assim como nós, que vamos tecendo nossos caminhos. Tudo começa com o EU. Quando nascemos! Quando somos crianças! Quando crescemos e de repente entramos na escola. Nessa rápida trajetória do crescimento e da socialização, pouco a pouco a criatividade vai sendo apagada das nossas vidas. Procuramos descobrir caminhos diferentes do que nos são impostos, mas as portas vão se fechando. Frestas são encontradas se tivermos um/a professor/a ou um tio/a, primo/a que goste de arte e nos dê um giz de cera ou um tinta. Para os mais ousados, basta desenhar na areia da praia... e a criatividade vai sendo tecida. Geralmente, a escola pouco se interessa pelo estudo da criatividade e da arte, a não ser que seja para “auxiliar” na formação motora e cognitiva, muitas vezes sem entender que a criatividade leva à cognição, leva a uma aprendizagem com significado para a criança. Criatividade nas atividades artísticas é um ponto crucial para a aprendizagem também de outros conhecimentos e responsável por manter a saúde física e mental de quem a produz, de quem a cria. E, para criar, é necessário imaginação.

Reconhecer que coisas, verdades e valores são constituídos por todos os seres humanos, incluindo as crianças, à medida que se orientam para aspectos de seus mundos vividos, é começar a fundamentar o que fazemos em sala de aula. Habilitar as crianças a terem um mundo significativo está entre as preocupações cruciais de uma pedagogia humana e crítica. A ideia de Merleau-Ponty de que o logos deve nascer sugere que nossos estudantes (como nós quando éramos jovens), percebendo perfis e incompletude ao redor, vivem em um mundo de perspectivas e horizontes em constante mudança. Imaginando para onde a estrada vira, para onde vão seus pais e mães de madrugada, o que as vozes indistintas estão realmente dizendo, o que a escuridão detém; eles se tornam gradualmente conscientes do que significa fazer conexões com a experiência (Greene, 2000, p.55).

O que fazemos na sala de aula de arte para termos um mundo significativo? Para uma pedagogia humana e crítica, o ensino de arte e a criatividade são fundamentais. A arte alimenta a imaginação, a inquietude e a formação de criadores/as. A criação leva a caminhos, descobertas, encontros e desencontros de um mundo de incompletudes e de pessoas que estão em constantes mudanças. E é nesses caminhos e/ou descaminhos que encontramos a nossa imagem. E quem somos nas imagens de criação? Somos criadas/os na arte? Nós nos entendemos na arte? Se nos forem possibilitados esses momentos de criação, seja em casa ou na escola, podemos nos reconhecer nas imagens criadas, nas memórias do passado, no nosso tempo, no nosso lugar, e assim, aceitaremos-nos na história em que estamos inseridas/os; com a nossa etnia, gênero, crenças e tradições. Entendemo-nos em nós e no outro quem somos.

O ato de arte/(auto)educar leva as pessoas a se reconhecerem, e, conseqüentemente, reconhecerem os sujeitos que estão no seu entorno, tornando coletiva uma educação que, inicialmente, parece ser apenas de um. É uma autoeducação que acontece em rede a partir de

si. Quando estamos criando, nunca estamos isoladas/os, mesmo que estejamos na solidão. As imagens dos pensamentos, das experiências de vida, que são povoadas de personagens da ancestralidade, são produzidas acionadas durante os momentos de criação.

Aprender com a dialógica entre a educadora ou o educador e os seus educandos/as é o que Paulo Freire refere-se ao educar aprendendo e aprender educando; eu caracterizo e denomino essa relação como uma educação de si tanto para os/as educadores/as como para os/as educandos/as. Para um educador humanista na,

Sua ação, identificando-se, desde logo, com a dos educandos, deve orientar-se no sentido da humanização de ambos. Do pensar autêntico e não no sentido da doação, da entrega do saber. Sua ação deve estar infundida da profunda crença nos homens. Crença no seu poder criador (Freire, 2005, p. 71).

Educar e criar são ações que devem estar bem conectadas entre si pela força da criatividade. Educar não pode ser seguir uma planilha com regras e ordens. Segundo Paulo Freire, a educação é uma prática de liberdade, “é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que nosso trabalho não é simplesmente partilhar informação, mas sim o participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos” (hooks, 2017, p. 25). E essa participação ocorre na criação, na partilha e no aprendizado cotidianamente, seja escolar ou familiar, individual ou coletivo. E a imaginação é o fermento da criatividade para a aprendizagem dos conhecimentos, sejam eles quais forem, até mesmo das áreas ditas duras. Segundo Eisner:

A imaginação fornece as condições para a construção do conhecimento, na sua forma mais genuína. Mas, as construções imaginativas e os planos desenvolvidos a partir delas não devem ser considerados como especificações ou roteiros a seguir; o ato de expressão é também uma ocasião para revisar, até mesmo descobrir e alterar propósitos. Os propósitos representados com imaginação são mantidos de maneira flexível. O trabalhador não fala apenas com o trabalho; o trabalho também fala ao trabalhador (Eisner, 2002, p. 23). (Tradução da autora)

A arte nos faz aprender com criatividade e nos faz criar possibilidades cognitivas, o que é fundamental para a educação. Para a professora Ana Mae Barbosa (2020), em entrevista para o Congresso Internacional de arte/educação de 2020, “a arte é a fibra ótica da educação. Ela consegue estabelecer uma ligação com todos os lobos cerebrais, ela consegue estabelecer uma relação com todos os conhecimentos” (CANAL EMAC UFG, no Youtube).

Para pensar a arte, vamos citar alguns artistas que nos fazem refletir sobre nós mesmos e a nossa relação com a sociedade. Desde a década de 1960, com Lygia Clark – “A Casa é o Corpo” (1968), Hélio Oiticica, com os “Parangolés” (1964-1979), Lygia Pape, com o “Divisor” (1968):



Figura 1. *A Casa é o Corpo*, de Lygia Clark, 1968.
<http://multissenso.blogspot.com/2009/11/>



Figura 2. *Parangolés*, de Hélio Oiticica, 1964-1979.
<http://www.lurixs.com/noticia/hlio-oitica-propositions-lygia-clark-casa-e-o-corpo-labirinto.html>



Figura 3. *O Divisor*, de Lygia Pape, 1968 <https://laart.art.br/blog/lygia-pape/>

Os laços entre a arte e a vida foram se estreitando. Esses artistas foram percebendo que a arte não poderia ficar focada na própria arte ou no próprio ser artista, mas na relação entre arte/artista e o público/espço. Lígia Pape, assim como Lygia Clark e Hélio Oiticica, traz a relação entre arte e vida e com ela rompe a estética que é centrada no objeto artístico. O estudo da arte no próprio objeto artístico passa a ser na sua relação com o público, num dado espaço da exposição ou um espaço urbano (nas ruas, escolas, etc).

Esses artistas borraram as fronteiras, as dicotomias entre teoria e prática, obra de arte e público, natureza e ciência, arte e artesanato, professor e artista, aproximando as experiências do cotidiano à arte nas discussões, nas teorias e nas práticas, essas já existentes tornam-se visíveis aos olhos dos teóricos. As produções artísticas passaram a apontar para a arte relacional, então com forte tendência ou viés interativo, assim como para os artistas contemporâneos que mostraram que a corporalidade (deles e do público) fazem parte da arte.

(...) baseia-se em uma construção poética centrada nas relações humanas e sociais e geralmente é pensada fora do ambiente das instituições artísticas. Esta prática ganha força a partir da década de 1960-70 e se destaca na poética de Hélio Oiticica, principalmente na obra *Parangolé*. Contudo, a conceitualização do tema acontece apenas em 1990 pelo crítico francês N. Bourriaud, que desconsidera o trabalho de Oiticica e foca suas análises em artistas europeus do final do século XX (Oliveira & Corrêa, 2016, p.254).

Isso se dá de acordo com a inserção da experiência com a arte, e essa inserção pode ser cruzada com a concepção de John Dewey. Para os estudiosos Fabio Wosniak e Jocielle Lampert, “a filosofia da Arte como experiência de Dewey (1934) revela que o trabalho artístico perpassa todo o organismo humano, iniciando no devaneio e na produção imaginativa. Porém, necessita de ordenação, ou seja, requer que o artista domine conhecimentos específicos – de natureza técnica, relacionados ao fazer artístico” (2016, p. 259). A arte transforma e faz parte de um processo de busca, busca de um conhecimento de si. Devemos nos apropriar de nós, da nossa história e, nesse processo de criação, a arte abre o caminho para que isso ocorra.

Concordo com Dewey e com a ideia de Larrosa sobre “experiência”, especificamente essas experiências mencionadas e a possibilidade de transportá-las para as salas de aulas das escolas. Complementando o pensamento de Dewey, Larrosa diz que: “O que proponho aqui é que exploremos juntos outra possibilidade, digamos mais existencial (sem ser existencial) e mais estética (sem ser esteticista), ou seja, pensar a educação a partir do par experiência / sentido”. (2002, p.20).

Para a criatividade florescer em campo fértil na vida dos sujeitos, é necessária a experimentação da arte e, por isso, é tão importante professoras e professores fazerem arte, praticarem atividades artísticas, do bordado à pintura a óleo, da modelagem em argila à performance, das narrativas indígenas ao podcast; sem hierarquizar essas experimentações, a intenção é criar.



Figura 4. *Arrudeio*, de Thaysa Aussuba (2020): Performance fotografada no contexto do isolamento da pandemia da Covid-19, na sala e quarto da minha casa, locais de intimidade modelados pela ação do tempo e da moradia. Utiliza a gravura de Jean-Baptiste Debret, "Soldados índios da província de Curitiba escoltando selvagens" (1834), como forma de questionar e ressignificar imagens que acabam por definir o que é ser indígena no Brasil. Eu, como indígena, recuso a imagem do bom selvagem que é comumente associada aos povos originários e tramo caminhos e narrativas que fortaleçam a resistência pela preservação das medicinas, segredos e ciência, ainda que em permanente processo de escravização e militarização de nosso povo, cultura e território. (Este texto foi cedido pela artista).



Figura 5. *Suspiros*, de Rennan Peixe (2020): A série fotográfica “Suspiros” parte do atravessamento em mim durante o período de quarentena no ano de 2020, ocasionada pela proliferação mundial do vírus causador da Covid-19. As imagens sugerem um debruçar nas inquietudes do imaginário pandêmico, refletindo as possibilidades de contaminação e difusão dessa doença. O uso da máscara é uma alusão ao apagamento das identidades individuais. Ao vestir o rosto, escondemos nossas expressões faciais que indicam nossas emoções. As fotografias expressam também a dimensão apocalíptica deste conturbado ano que nos impulsionou a um possível fim ou um novo recomeço, especulando nossas formas de lidar com o mundo. Tomo como recorte o corpo negro representado nessas imagens como contradiscurso aos dados factuais das mortes desse período. Mortes que mais afetaram a população negra no Brasil, reflexo da política de genocídio ou “descarrilhamento” do racismo estrutural propagada e estimulada por grande parte da governança do país. (Texto cedido pelo artista)

Thaysa e Rennan são artistas visuais/docentes e nas suas criações artísticas apresentam reflexões sobre as suas etnias, suas origens e o momento em que estamos vivendo de pandemia. Ao produzirem seus trabalhos artísticos, seja em performances, vídeoperformances ou fotografia afetam os/as que têm as mesmas inquietações, e esses exemplos mostram como um trabalho que parece ser solitário tem seus aspectos simbólicos que vêm da cultura e para ela retorna, alcançando o coletivo. Isso é o que eu chamo de arte autoeducação, nasce na cultura e nos grupos culturais ressoa.

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexistente validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi aprendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz (Freire, 1996, p.17).

Nas aulas de artes visuais, vivencio as angústias, as desesperanças, o racismo, o machismo, a cultura patriarcal a que somos submetidas/os na nossa sociedade; as/os estudantes reelaboram essas vivências ao fazer arte com e a partir das suas dores, alegrias, tristezas vividas. Juntas/os performamos os corpos que muitas vezes não se mexem nas violências sofridas, corpos negros, corpos transgêneros, corpos de mulheres, por exemplos. São pessoas que com arte se apropriam de seu corpo e enfrentam a sociedade como são, há uma valorização do seu corpo a partir das imagens produzidas na arte. Mostram-se e reconhecem-se por meio de sua arte, o eu e o outro juntos.

Ter a consciência crítica de que é preciso ser o proprietário de seu trabalho e de que “este constitui uma parte da pessoa humana” e que a “a pessoa humana não pode ser vendida nem vender-se” é dar um passo mais além das soluções paliativas e enganosas. É inscrever-se numa ação de verdadeira transformação da realidade para, humanizando-a, humanizar os homens (Freire, 2005, p. 212).

Ao conhecer a si e ao outro, vamos tomando consciência das nossas existências, o respeito, a consideração e a valorização nas nossas diferenças ou semelhanças. Pode ser o início das mudanças para um mundo mais humano, tornando-nos, com isso, mais críticos e politizados, pois essas ações afirmativas de presentificar o corpo na arte também são políticas. A arte, em sua criação, intervém profundamente nos seres humanos e as instituições de ensino são os espaços onde essas transformações podem e devem acontecer.

Seria conveniente, para o desenvolvimento humano em geral e para as instituições educacionais e assistenciais em particular, deixar de ver a arte como acessório e para embelezar, do que se usa para as festividades e rituais ocasionais, e começar a ver a atividade criadora como um espaço de conhecimento, expressão, comunicação e transformação, essencial nas intervenções que tratam do humano (López Fernández-Cao, 2010, p. 16). (Tradução da autora).

Com a entrada no Mestrado (2016), minha orientanda Anna Carolina abraçou a autopoiesis que foi construindo em sua pesquisa, “indicando a trilha para sua fundamentação teórica como um processo autoeducativo por meio da arte. Um termo muito usado pela professora durante todo o trajeto foi *com.par.trilhar*¹. Aliás, não foi só na fala, pois ela guiou o percurso prático da presente pesquisa exatamente assim: de mãos dadas, traçou comigo roteiros, elos, curvaturas e bordados afetivos interpessoais, com o estudo e com o mundo. Inclusive o termo que fundamenta minha busca, autoeducação, vem de sua pesquisa em *Arte/Educação*” (Cosentino, 2018, p.69). Como fiandeiras, educadora e educanda tecemos conhecimento e arte, estudando, produzindo arte e ampliando uma teia de conhecimento.

Uma aranha paciente silenciosa, Eu marquei onde em um pequeno promontório ela estava isolada, Marquei como explorar o vasto ambiente vazio, Ela lançou filamento, filamento, filamento, para fora de si mesma. Sempre desenrolando-os, sempre incansavelmente acelerando-os. E você, ó minha alma, onde você está, Cercado, destacado, em incomensuráveis oceanos de espaço, Incessantemente meditando, aventurando-se, jogando, procurando as esferas para conectá-los, Até a ponte você precisará ser formado, até que a âncora dúctil segure, Até o fio de teia que você joga pega em algum lugar, ó minha alma (Whitman, 2017).² (apud e traduzido por Cosentina, 2018, p. 67).

¹ Termo criado por Lucimar Bello e Lilian Amaral.

Essa tradução foi realizada por Anna Carolina, e eu a uso aqui porque complementa a poesia de Mia Couto e enreda com o conteúdo da concepção de autoeducação, com a qual trabalhamos juntas no mestrado. Esta “é uma forma de ampliação da consciência e no processo de conhecimento de si, o sentimento pode ser fator imprescindível” (Cosentino, 2018, p. 69). A consciência é um meio de modificar a existência. Na autoeducação, é importante ainda que as pessoas dediquem-se à construção da sua própria personalidade, em suas próprias escolhas dos caminhos, nos quais a criatividade e a arte são fundamentais para esse processo. Os caminhos podem ser partilhados ou individualizados e a riqueza está em construirmos juntas/os, pois

(...) a personalidade jamais poderá desenvolver-se se a pessoa não escolher *seu próprio caminho* (...) somente será possível que alguém se decida por seu próprio caminho, se *esse caminho for considerado o melhor*” (Jung, 2008, p. 179). À medida em que escrevo, me dou conta de que na presente pesquisa não estive isolada, tive parceiros (Cosentino, 2018, p.70).

Nesse momento de pandemia, a solidão é intensa entre as pessoas que estão em isolamento, condição para não ocorrer a contaminação pelo coronavírus, causador da Covid-19. Porém, a arte povoa os sonhos, as fantasias e as angústias das pessoas. Pode ocorrer de as pessoas escutarem uma música ou assistirem a um filme; mas as/os estudantes de artes visuais e artistas têm preenchido esse tempo e essa solidão com criatividade, na produção de arte. É do fundo dessa solidão que se pode fazer qualquer encontro. É nesse isolamento que a criatividade floresce; é necessário o mergulho para as imagens surgirem nas produções artísticas. “É na ausência ‘do outro’ que confronto a mim mesma” (Cosentino, 2018, p. 71). Essa solidão deve ser, para esse momento de pandemia, “o fio de Ariadne para as saídas dos labirintos, dos medos, dos estados compulsivos, das diversas formas de morte” (ibidem).

O trabalho de Anna Carolina foi muito citado porque foi o momento em que iniciamos a refletir sobre autoeducação em um trabalho realizado conjuntamente. Educar e se educar na solidão, mesmo não estando só. Assim como Rennan Peixe e Thaysa Aussuba, orientando do mestrado e orientanda do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Pesquisa, da CAPES), respectivamente, estamos partilhando o conhecimento com reflexão sobre arte autoeducação. Concluo com uma citação de um texto de uma outra orientanda de Graduação em Artes Visuais, Alana Torquato, que tratou a criatividade como tema central em seu Trabalho de Conclusão de Curso (em 2020). Alana descobriu na pandemia como sair das crises, da tristeza, da solidão depois de uma grande perda para a Covid-19, e assim o fez por causa da criatividade. Criar é a ressignificação das perdas:

Olhar-se e fazer a pesquisa: o que eu tenho a compartilhar? Talvez seja esse o lugar da Criatividade. E, muito mais que encontrar a resposta para essa pergunta, a grande questão está no que ela mobiliza, no próprio movimento de busca. Criatividade é unidade viva que se alimenta de Ar, Terra, Água e Fogo – e o Fogo é o ponto de passagem para o início de um novo ciclo nutritivo. “No seio do fogo, a morte não é morte” (Bachelard, 1994, p. 28, apud Araújo, 2020, p. 44).

Aqui deixo a minha solidariedade a todas/os que perderam seus entes queridos durante essa pandemia, sobretudo os que morreram em decorrência da contaminação pelo coronavírus... que os sobrevivente possam ressignificar essas perdas com arte. Criando e recriando o ciclo da vida, que a arte dê significado a todas/os nesse momento tão difícil pelo qual estamos passando. Esperamos que tenhamos consolo na arte. Como diz Ana Mae Barbosa, em palestra

para a UERJ, em 2016: quando seu esposo Alexandre Barbosa estava no hospital, depois de visitá-lo ela saía para visitar uma exposição de gravura de Tomie Othake: “Só tenho acolhimento na arte!”.

E é assim que o ensino da arte, com base nas experiências vividas em sala de aula e fora dela, vamos aprendendo e reaprendendo a ser quem somos; a arte e a criatividade são elementos fundamentais para essa arte autoeducação, formação de si e aprendizagem da arte; vamos elaborando e reelaborando as imagens que nos constituem. A produção da arte contaminada pelas influências, a contextualização daquilo que você sente, expressa, do que vê, e a conscientização de si e do grupo com o qual se convive... e é assim que acontece a aprendizagem da arte.



Alana Torquato Araújo, 2020

REFERÊNCIAS

- Araújo, A. T. (2020). *Criatividade e Processos Criativos: metáfora elementar de uma experiência formativa na Licenciatura das Artes Visuais*. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Licenciatura em Artes Visuais/UFPE.
- Barbosa, A. M. (2015). *Redesenhando o Desenho: educadores, política e história*. São Paulo: Cortes Editora.
- Barbosa, A. M. (2020). Entrevista no Congresso Internacional de Arte Educação (Canal EMAC UFG, no youtube) <https://www.youtube.com/watch?v=o0S5pqG-O50>
- Cosentino, A. C. (2018). *Fantasma do corpocasa: refazendo significados afetivos por meio da performance*. Dissertação defendida no PPGAV/UFPE/UFPB.
- Couto, M. (2009). *O Fio das Miçangas*. SP: Companhia das Letras.

- Eisner, E. (2002). *The Arts and the Creation of Mind*. Virginia: Yale Uiveristy Press/New Haven & London
- López performFernández-Cao, M. (2011). *Mulier me fecit: hacia un análises feminista del arte y su educación*. Madrid: Horas y Horas.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. SP: Paz e Terra.
- Greene, M. (1995). *Releasing the Imagination: essays on education, the arts, and social change*. New York: Jossey-Bass a Wiley Company.
- Lynch, D. (2015). *Em águas Profundas: criatividade e meditação*. RJ: Griphus Editora.
- Hooks, b. (2019). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla, São Paulo: Martins Fontes.
- Oliveira, L. H. C. & Correa, A. (2016). A arte relacional e a participação do público: aproximações poéticas do período de 1960-70 com a 27ª Bienal de São Paulo. *Mediações – Revista de Ciências Sociais*, 21 (2), 254-278. <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2016v21n2p254>
- Wosniak, F. & Lampert, J. (2016). Arte como experiência: ensino/aprendizagem em Artes Visuais, *Revista Geart*, 3(2), 258-273. <https://doi.org/10.22456/2357-9854.62933>